

FLUXO DE CAIXA E SUA UTILIZAÇÃO PARA AUXÍLIO NA GESTÃO FINANCEIRA DAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

Daniel Pignaton Morellato

Edson Roberto do Nascimento

RESUMO

O Brasil atravessa um momento econômico sensível, por isso o desafio é manter empreendimentos saudáveis no mercado. Para as MPE's brasileiras, estudos apontam que o desafio centra-se nas fragilidades de ter gestores com pouco ou nenhum conhecimento, por isso tem maior índice de mortalidade. Assim, aponta-se o Fluxo de Caixa como importante instrumento de acompanhamento da gestão nas microempresas e que, quando aplicado, pode reduzir os índices de mortalidade das MPE's. O objetivo geral deste trabalho é discorrer sobre o Fluxo de Caixa como uma ferramenta administrativa, onde se apresenta um modelo prático e funcional para as MPE's. Trata-se de uma pesquisa qualitativa descritiva, por meio de revisão sistematizada da literatura, sobre a utilização e os benefícios da implantação do Fluxo de Caixa como ferramenta no auxílio administrativo para as MPE's. Portanto, observou-se que existe a necessidade da aplicação do Fluxo de Caixa para o controle financeiro das MPE's.

Palavras-chave: Fluxo de Caixa; Administração Financeira; Micro e Pequenas Empresas.

ABSTRACT

Currently it is being a sensitive economic time. It is becoming increasingly difficult to an undertaking to stay in the healthy market, regardless of their size. The Micro and Small Enterprises (MSE's), it has, in the biggest part, managers with little administrative knowledge and suffer higher mortality rate. Cash flow is an important monitoring tool in the management of micro-enterprises. The objective of this study is to discuss the Cash Flow as an administrative tool presenting a practical and functional model for MSE's. It is a current descriptive qualitative research literature review on the use and benefits of Cash Flow implementation as a tool for administrative assistance to MSE's. Therefore, it was observed that there is a need of applying the cash flow for a good financial control of MSE's.

Keywords: Cash flow; Financial management; Micro and Small Enterprises.

INTRODUÇÃO

O cenário econômico contemporâneo apresenta mudanças que forçam as nações a adequarem suas políticas de desenvolvimento à nova realidade mundial. Esta nova ordem traz novos desafios à gestão dos negócios, levando as empresas a reverem suas políticas gerenciais ⁽¹⁾. As mudanças decorrentes do novo cenário têm impacto direto sobre as Micro e Pequenas Empresas. Segundo o SEBRAE ⁽²⁾, no ano de 2011 o Brasil possuía 99% das empresas constituídas de Micro e Pequenas empresas (MPE's).

Dentre os 99% de MPE's anteriormente citados, 50,4% atuam no setor comercial, 34% na área de serviços, 10,7% no setor industrial e 4,9% em construção ⁽²⁾. Assim, é evidente a importância financeira para a nação, pois representaram 27% do PIB e geram cerca de 52% da mão de obra formal no país, respondendo por 40% da massa salarial brasileira ⁽³⁾.

Em 2014 o Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação (IBPT), informou que 118.621 MPE's fecharam, já em meados de setembro de 2015 foi contabilizado um total de 403.667 MPE's encerradas, o que indica um aumento de aproximadamente 340% no índice de finalizações de funções em menos de 1 ano ⁽⁴⁾.

Segundo o SEBRAE as principais razões para a mortalidade precoce das empresas são a falta de planejamento e o descontrole na gestão. Entre os erros mais comuns, ressalta-se a falta de um sistema de controle de entrada e saída de dinheiro, o qual, segundo a instituição poderia ser resolvida com a implantação de uma simples planilha de movimento financeiro ⁽²⁾.

Assim, encontra-se no Fluxo de Caixa uma ferramenta administrativa capaz de gerar informações vitais para uma boa gestão financeira, possibilitando o planejamento e o controle econômico da empresa. Quando usada de acordo com o porte da empresa e a necessidade do gestor, sinaliza o rumo financeiro do negócio. A relevância do Fluxo de Caixa passa despercebida pela maior parte dos gestores, principalmente quando se visualiza a realidade das MPE's comparada com o índice de mortalidade das mesmas ⁽¹⁾.

Segundo Marion, "[...] sem o Fluxo de Caixa fica quase impossível projetar e planejar-se financeiramente. Sem orçamento (planejamento financeiro) é impossível ter uma administração sadia [...]" ⁽⁵⁾. Aparentemente simples, o Fluxo de Caixa é indispensável para quem quer manter as contas



em ordem. Uma simples planilha elucidada a tarefa cotidiana de checar as contas, sendo considerado o melhor instrumento de controle da empresa ⁽⁶⁾.

Portanto, justifica-se esta pesquisa nos fundamentos anteriores, pois sabe-se que as MPE's constituem a maior porcentagem de empresas no Brasil e que o índice de mortalidade é alarmante e têm aumentando nos últimos anos, principalmente pela falta de planejamento financeiro, sendo que o Fluxo de Caixa é uma ferramenta simples e eficaz, de baixo custo e fácil manuseio, capaz de auxiliar o administrador financeiro melhorando o prognóstico de vida das MPE's.

2 METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma revisão bibliográfica sobre a utilização e os benefícios da implantação do Fluxo de Caixa como ferramenta no auxílio administrativo para as MPE's e ainda um demonstrativo de um modelo prático e funcional para as referidas empresas.

Foram utilizados 25 documentos publicados, dentre eles artigos científicos, monografias, dissertações, teses e documentários de revistas e periódicos, entre os anos de 1995 e 2015 e 12 livros.

Para o acervo teórico foram coletados dados disponibilizados em bibliotecas virtuais das plataformas Google Acadêmico, Scielo, Spell e bases virtuais que disponibilizaram documentos na íntegra sobre o tema, utilizando para buscas descritores como: Fluxo de Caixa, Administração Financeira, Micro e Pequenas Empresas, assim como suas respectivas traduções para o idioma inglês e espanhol: *Cash Flow*, *Financial Management*, *Micro and Small Enterprises* e *Flujo de Caja*, *Gestión Financiera*, *Micro y Pequeñas Empresas* além de livros do acervo da biblioteca Júlio Bordignon das Faculdades de Educação e Meio Ambiente – FAEMA e da biblioteca Irani Rosique das Faculdades Associadas de Ariquemes – FAAr.

O critério utilizado para classificação das MPE's neste estudo, segue de acordo com a Lei geral das Micro empresas - Lei 123/06. (BRASIL, 2006).

Como critério de inclusão do material bibliográfico foram estabelecidos documentos nos idiomas, português, inglês e espanhol, publicados após 1995. Como critério de exclusão, estabeleceu-se a eliminação dos documentos em outros idiomas diferentes dos supracitados, publicações anteriores à data prescrita, documentos não disponibilizados na íntegra e que não abordavam sobre o tema proposto.

3 MPE's

Segundo o IBGE ⁽³⁾ as primeiras iniciativas mais concretas para estimular o surgimento de MPE's na economia brasileira se deram na década de 1980. A redução do crescimento econômico, e a

elevada taxa de desemprego, desencadeou o surgimento das MPE's, que passaram a ocupar grande parte da mão de obra disponível.

O IBGE ⁽³⁾ elenca algumas ações que incentivaram a abertura de MPE's, naquela ocasião. Dentre elas destaca-se:

a) A implantação do primeiro Estatuto da Microempresa (Lei nº 7.256 de 27 de novembro de 1984) e a inclusão das MPE's na Constituição Federal de 1988;

b) A transformação em 1990, do Centro Brasileiro de Assistência Gerencial à Pequena Empresa - CEBRAE, em Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas-SEBRAE, com funções mais amplas;

c) A criação de linhas especiais de crédito no BNDES, Caixa Econômica Federal e Banco do Brasil para as MPE's;

d) A Lei nº 9.317 de 5 de dezembro de 1996, que instituiu o Sistema Integrado de Pagamentos de Impostos e Contribuições das Microempresas e das Empresas de Pequeno Porte - SIMPLES;

e) A Lei nº 9.841 de 5 de outubro de 1999, que instituiu o Estatuto da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte; e o estabelecimento de um Fórum Permanente das Microempresas e Empresas de Pequeno Porte, demonstrando a dimensão e a importância das micro e pequenas empresas para o crescimento e desenvolvimento da economia nacional.

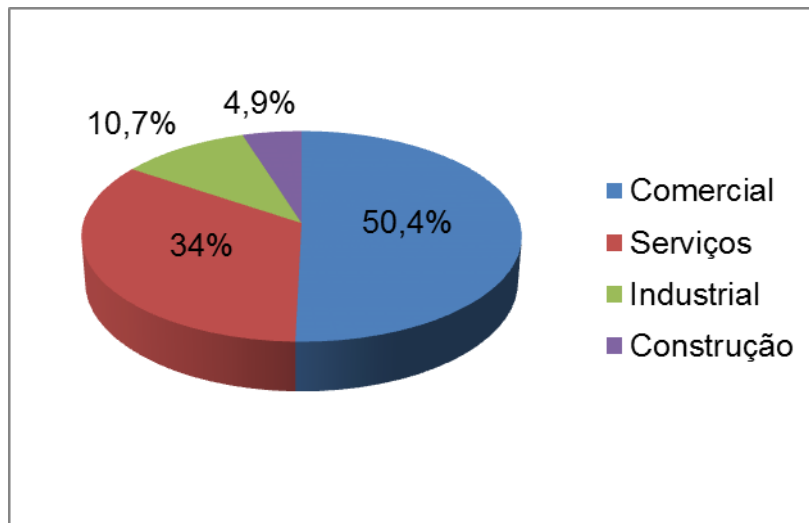
O IBGE ⁽³⁾ aponta quanto a conceituação de MPE's, que não existe uma visão única sobre a caracterização das MPE's. Nota-se, uma variedade de critérios para a definição adotados por: legislação específica, instituições financeiras oficiais e órgãos representativos do setor, valor do faturamento, número de pessoas do quadro funcional.

Segundo o regime simplificado de tributação - SIMPLES, o critério adotado advém da Lei Geral da Micro e Pequena Empresa - **Lei nº 123, de 14 de dezembro de 2006**, que estabelece como: Microempresa, aquela que possui receita bruta anual igual ou inferior a R\$ 360 mil; Empresa de Pequeno Porte, aquela que possui receita bruta anual igual ou inferior a R\$ 3,6 milhões.

O SEBRAE/MT ⁽⁷⁾, revela que as MPE's representaram 27% do PIB nacional, gerando cerca de 52% da mão de obra formal no país e respondem por 40% da massa salarial brasileira. Conforme o presidente do SEBRAE em 2011, Luiz Barretto, "Os dados demonstram a importância de incentivar e qualificar os empreendimentos de menor porte, inclusive os Microempreendedores Individuais [...]" ⁽²⁾.

O SEBRAE ⁽²⁾, detalha que em 2011, 99% das empresas formais eram constituídas de MPE's, entre elas 93,3% são Micro e 5,7% são Pequenas Empresas, as quais são distribuídas nas áreas de comércio, serviços, indústria e no setor de construção, conforme gráfico 1.

Gráfico 1 – Principais Atividades MPE's



Fonte: SEBRAE, 2012

As MPE's assumem características próprias de gestão, competitividade e inserção no mercado, diretamente relacionadas ao país de origem. Em países como o Brasil onde há alto desequilíbrio regional, as MPE's podem apresentar um importante papel para a descentralização industrial ⁽⁸⁾.

3.1 CARACTERÍSTICAS DAS MPE'S NO BRASIL

As MPE's constituem uma alternativa de ocupação de mão de obra para um seletor grupo com condições de gerir um negócio próprio, e alternativa de emprego para uma grande parcela da força de trabalho excedente, e com pouca qualificação ⁽³⁾.

O IBGE ⁽³⁾ desenvolveu um estudo específico sobre as principais características de gestão das MPE's nacionais, e revela como os principais achados o: baixo volume de capital empregado; as altas taxas de natalidade e mortalidade; a presença significativa de proprietários, sócios e funcionários com laços familiares; a grande centralização do poder decisório; a não distinção da pessoa física do proprietário com a pessoa jurídica; os registros contábeis pouco adequados; a contratação direta de mão-de-obra; o baixo nível de terceirização; o baixo emprego de tecnologias sofisticadas; o baixo investimento em inovação tecnológica; a dificuldade de acesso a financiamento de capital de giro; a dificuldade de definição dos custos fixos; o alto índice de sonegação fiscal; a utilização intensa de mão-de-obra sem qualificação.

Leone ⁽¹⁸⁾ apresenta três especificidades que caracterizam as MPE's no Brasil, são: organizacionais, decisórias e individuais. Pode-se notar semelhanças entre as abordagens de Leone ⁽¹⁸⁾ e do IBGE ⁽³⁾ quanto aos aspectos de caracterização das MPE brasileiras. Ambas as fontes convergem

quanto a traços preponderantes na análise das MPE'S: gestão informal, escassez de recursos e baixa qualidade gerencial.

3.2 MORTALIDADE DAS MPE'S

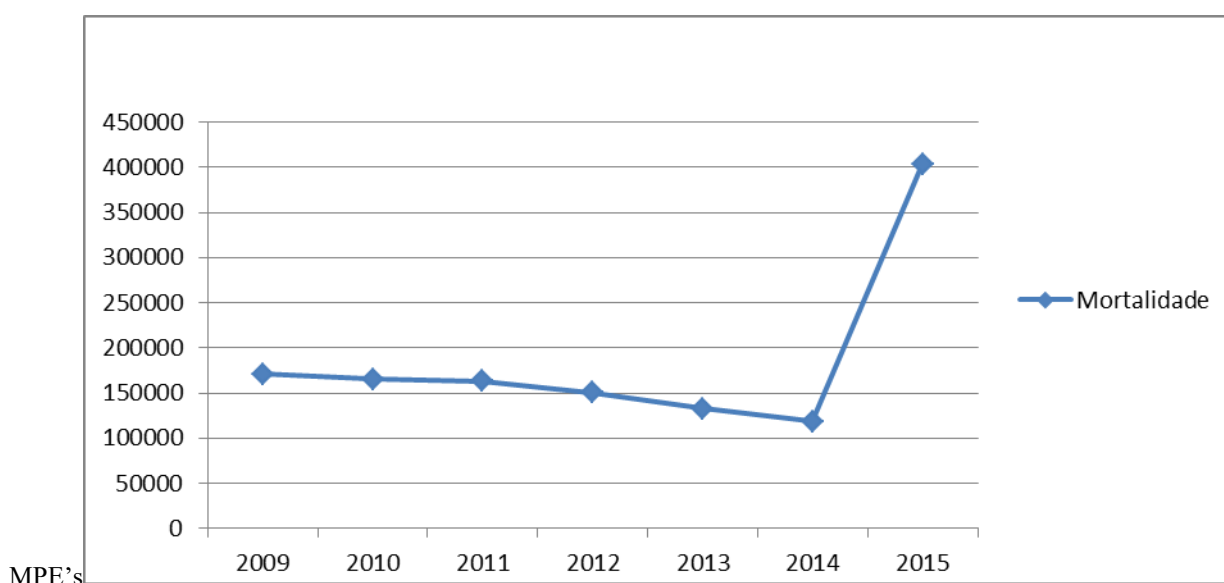
As pequenas empresas sofrem com ausências de sistemas de custeio adequados, com falta de planejamento e controle da produção, controles de qualidade, ausência de manutenção preventiva para os equipamentos e máquinas, inadequação do *lay-out* ao fluxo produtivo, estoque superdimensionados e sem controle, esboçando várias espécies de perdas e desperdícios, que são problemas comuns nas pequenas empresas ⁽¹⁾.

O SEBRAE ressalta que a falta de planejamento, o descontrole na gestão aliado a falta de um sistema de controle de entrada e saída de dinheiro, são as principais causas de mortalidade entre as MPE's ⁽²⁾.

Segundo o IBPT ⁽⁴⁾, a falta de planejamento e informações do mercado representam 41,64% das causas da mortalidade das MPE's seguido pela complexidade tributária e pelas burocracias, as quais representam 16,51%, e por fim, a dificuldade no acesso a crédito financeiro e a investimentos, representando 14,43% das mortalidades.

Através da plataforma online Empresômetro MPE, desenvolvida pelo IBPT em parceria com a CNC - Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo e SMPE - Secretaria da Micro e Pequena Empresa da Presidência da República, pode-se observar (gráfico 2) números importantes sobre a quantidade de MPE's que finalizaram suas atividades ⁽⁴⁾.

Gráfico 2 – Mortalidade das



Fonte: IBPT (2015)

No ano de 2014, foi calculado um total de 14.964.655 empresas ativas, sendo que 13.182.995 delas eram classificadas como MPE's, porém, ao fim do mesmo ano foram anunciadas a mortalidade de 118.621 MPE's. Em setembro de 2015, foram totalizados 16.412.457 empresas ativas, sendo que 14.488.347 foram classificadas como MPE's, e em setembro do mesmo ano, um total de 403.667 anunciaram o fechamento de suas atividade, ficando evidente um elevado aumento na taxa de mortalidade entre os anos pesquisados, antes mesmo do fim de 2015 ⁽⁴⁾.

Quanto ao índice de mortalidade, o IBPT ⁽⁴⁾ revela que, ao analisar somente as micro e pequenas empresas, o índice é maior do que o índice geral da mortalidade das empresas brasileiras. O quadro 1 apresenta a taxa de mortalidade e a frequência acumulada em relação ao tempo de vida.

Quadro 1 - Mortalidade Das Micro e Pequenas Empresas

IDADE POR OCASIÃO DA MORTE	FREQUÊNCIA %	FREQUÊNCIA ACUMULADA %
Entre 0 e 1 Ano	16,32%	16,32%
Entre 1 e 2 Anos	9,84%	26,16%
Entre 2 e 3 Anos	7,98%	34,14%
Entre 3 e 4 Anos	6,02%	40,16%
Entre 4 e 5 Anos	4,79%	44,95%
Entre 5 e 6 Anos	4,11%	49,06%
Entre 6 e 7 Anos	3,99%	53,05%
Entre 7 e 8 Anos	4,01%	57,06%
Entre 8 e 9 Anos	3,17%	60,23%
Entre 9 e 10 Anos	3,26%	63,49%

Fonte: IBPT (2013)

Até 2022 prevê-se um índice de 68% dos potenciais empresários possuírem somente o ensino fundamental completo, e que 64% deles não tenham acesso à tecnologia da computação, fator que dificulta ainda mais o planejamento financeiro e favorece o aumento da mortalidade desses empreendimentos ⁽²⁾.

3.3 TECNOLOGIA NAS MPE'S

A globalização impôs ao mundo contemporâneo um ambiente dinâmico e turbulento em termos de mercados, tecnologias, impactos ecológicos, mudanças políticas, econômicas, culturais e sociais às empresas, e diante destes desafios as micros e pequenas empresas brasileiras competem, buscando,

antes de tudo, assegurar sua sobrevivência, visto apresentarem baixo nível gerencial, gestão informal e escassez de recursos ⁽⁸⁾.

Ramos, Silva e Alverga ⁽²³⁾ enfatizam a importância da Tecnologia da Informação para o alcance dos objetivos nas MPE's, servindo como auxílio às competências dos envolvidos no negócio, e como meio para a eficiência dos sistemas de informações.

4 ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA

O planejamento financeiro estabelece diretrizes de modificação e crescimento de uma organização, e possui influencia no crescimento financeiro de uma organização, portanto, considerado um plano para o futuro, auxiliando na implantação de projetos e análises de variáveis em situação de incertezas ⁽¹⁶⁾.

Administração Financeira é o processo administrativo que trabalha com os recursos financeiros da empresa e implica qualquer ato administrativo que obtenha e/ou aplique recursos financeiros ⁽¹⁷⁾.

Os administradores financeiros controlam ativamente as finanças de todos os tipos de empresas, financeiras ou não, privadas ou públicas, grandes ou pequenas, com ou sem fins lucrativos e desempenham uma variedade de tarefas, tais como: orçamentos; previsões financeiras; administração do caixa; administração do crédito; análise de investimentos; captação de fundos ^(16,17).

Segundo Gropelli e Nikbakht ⁽¹⁵⁾, para serem bem sucedidos, os administradores financeiros devem estar atentos às respostas do mercado aos fatores de mudanças em todos os ambientes, sejam eles privados, públicos ou financeiros, pois, as ações do administrador financeiro são convergentes à análise e ao planejamento financeiro, às decisões de investimento e às decisões de financiamentos que devem ser tomadas no cumprimento de objetivos da empresa e seus acionistas.

Assim, o administrador financeiro tem pelo menos dois desafios importantes e básicos: o primeiro é quanto investir e em quais ativos investir, e o segundo é como financiar estes investimentos ⁽¹⁷⁾.

Segundo Ross, Westerfield e Jaffe ⁽¹⁶⁾, a tarefa mais importante do administrador financeiro é criar valores nas atividades de investimento, financiamento e na gestão de liquidez da empresa, procurando adquirir mais caixa do que custo.

Nas micro e pequenas empresas normalmente os sócios costumam acumular todas as funções administrativas e gerenciais, inclusive as financeiras, diferente em grandes proporções das empresas de maior porte, que separam melhor as funções financeiras das demais funções gerenciais ⁽¹⁷⁾.

Segundo Pereira ⁽²²⁾, um dos maiores desafios na administração das MPE's é fazer um planejamento financeiro apropriado. Dentre os instrumentos de análise e planejamento financeiros

estão: o Fluxo de Caixa, que indica as entradas e saídas de caixa a serem concretizados; o demonstrativo de resultado, responsável por avaliar o volume de vendas, os custos de mercadorias comercializadas e as despesas fixas e variáveis; o balanço patrimonial, que contabiliza a quantidade do patrimônio líquido da empresa.

O SEBRAE-RJ ⁽²⁷⁾ aponta quais são as falhas na administração financeira que devem ser evitadas:

a) Não ter as informações corretas sobre saldo de caixa, valor dos estoques das mercadorias, valor das contas a receber, valor das contas a pagar, volume das despesas fixas ou financeiras;

b) Não saber se a empresa está ou não tendo lucro em suas atividades operacionais, em razão da não elaboração de demonstrativo de resultados;

c) Não calcular corretamente o preço de venda dos produtos, por desconhecer os custos e as despesas;

d) Não conhecer corretamente o volume e a origem dos recebimentos, a quantidade e o destino dos pagamentos, motivado pela falta de elaboração do Fluxo de Caixa;

e) Não saber o valor patrimonial da empresa, ocasionado pela não confecção do balanço patrimonial;

f) Não saber quanto os sócios retiram de pró-labore, por não haver um valor fixo para a remuneração dos mesmos;

g) Não conhecer corretamente o custo das mercadorias vendidas, por não haver um registro adequado de estoque;

h) Não saber corretamente o valor das despesas fixas da companhia, porque as despesas pessoais dos sócios e as da própria empresa não são calculadas separadamente;

i) Não saber administrar corretamente o capital de giro, pelo desconhecimento do ciclo financeiro das operações;

j) Não fazer análise e planejamento financeiro, por não existir um sistema de informações gerenciais (Fluxo de Caixa, demonstrativo de resultados e balanço patrimonial).

Além do seu envolvimento permanente com atividades de análise e planejamento financeiros, o administrador financeiro preocupa-se com a tomada de decisões de investimento e financiamento que podem ser convenientemente visualizadas com ajuda do balanço da empresa, entretanto, essas decisões são realmente tomadas com base nos efeitos de seus fluxos de caixa ⁽¹⁴⁾.

4.1 FLUXO DE CAIXA

Fluxo de Caixa é o registro e o controle da movimentação de caixa de qualquer empresa, expressando as entradas e saídas de recursos financeiros. O Fluxo de Caixa apresenta-se como um dos instrumentos mais eficazes na gestão financeira e com influência no processo de tomada de decisão, permitindo ao administrador financeiro planejar, organizar, coordenar, dirigir e controlar os recursos financeiros para um determinado período ⁽¹⁹⁾.

Sanvicente e Santos ⁽²⁶⁾, afirma que o objetivo básico do Fluxo de Caixa é identificar em que nível estará o saldo de caixa a cada período analisado.

Pode-se dizer que o Fluxo de Caixa consiste em um relatório gerencial que informa resumidamente toda a movimentação de dinheiro em um determinado período. A demonstração do Fluxo de Caixa indica a origem de todas as entradas no caixa, a aplicação de todo o dinheiro que saiu do caixa e o resultado do fluxo financeiro ^(17, 23).

Assaf Neto e Silva ⁽¹²⁾ e Sanvicente e Santos ⁽²⁶⁾ afirmam que o Fluxo de Caixa é: “[...] um instrumento que relaciona os ingressos e saídas (desembolsos) de recursos monetários no âmbito de uma empresa em determinado intervalo de tempo”.

Para Gitman ⁽¹⁴⁾, o Fluxo de Caixa é a espinha dorsal da empresa e sem ele a empresa fica impossibilitada de saber quando haverá recursos suficientes para sustentar as operações, ou quando haverá necessidade de captação de recursos. Empresas que necessitam continuamente de empréstimos não planejados, poderão deparar-se com a dificuldade de encontrar bancos que as financiem.

O fluxo de caixa pode ser dividido em: fluxos operacionais, que são as entradas e as saídas diretamente associadas à venda e a produção de bens e serviços pela empresa; fluxos de investimentos, que são associados à compra e a venda de ativos imobilizados e a participações em outras empresas e fluxos de financiamentos que resultam de operação de captação de recursos de terceiros e de capital próprio ⁽¹⁴⁾.

Santi Filho ⁽²⁵⁾, afirma que as entradas e saídas de caixa são classificadas em três grupos de atividades (quadro 2): as operacionais, investimentos e financiamentos, onde o somatório do resultado líquido de caixa das três atividades é apresentado e deve ser igual ao aumento ou a redução líquida das disponibilidades.

Quadro 2 – Classificação dos grupos de atividades no Fluxo de Caixa

Demonstrativo de Fluxo de Caixa	
Atividades Operacionais	X
Atividades de Investimentos	(Y)

Atividades de Financiamentos	(Z)
Disponibilidades	(X + Y + Z)

Fonte: SANTI FILHO (2004)

Existem duas demonstrações de Fluxo de Caixa e são classificadas quanto a utilidade: Demonstração das Entradas e Saídas de caixa – DESC e a Demonstração do Fluxo Líquido de Caixa – DFLC ⁽²⁰⁾.

A DESC confronta as entradas e saídas de caixa e conseqüentemente, averigua se há sobras ou faltas no caixa, o que permite ao administrador financeiro, decidir previamente se a empresa deve captar ou aplicar recursos. Não se administra uma empresa para o sucesso sem ter uma DESC atualizada periodicamente ⁽²⁰⁾.

A DFLC mostra o efeito de cada variável no caixa, tal como a necessidade de capital de giro, expansão ou redução de atividades, realização de investimentos, tomada ou amortização de investimentos, aportes de capital ou distribuição de dividendos, entre outros ⁽²⁰⁾.

Portanto, considera-se a DESC como um instrumento de trabalho e a DFLC um instrumento de análise ⁽²⁰⁾.

Segundo Matarazzo ⁽²⁰⁾, os principais objetivos do Fluxo de Caixa são:

- a) Avaliar alternativas de investimentos;
- b) Avaliar e controlar ao longo do tempo as decisões importantes que são tomadas na empresa, com reflexos monetários;
- c) Avaliar as situações presente e futura do caixa da empresa, posicionando-a para que não chegue a situações de iliquidez;
- d) Certificar que os excessos momentâneos de caixa estão sendo devidamente aplicados.

Segundo Marion ⁽⁵⁾, “[...] sem o Fluxo de Caixa fica quase impossível projetar e planejar-se financeiramente. Sem orçamento (planejamento financeiro) é impossível ter uma administração sadia [...]”.

Assaf Neto ⁽¹¹⁾ ressalta que o Fluxo de Caixa não deve ser uma preocupação específica do setor financeiro, mas, de todas as áreas da organização:

- a) A área de produção, ao promover alterações nos prazos de fabricação dos produtos, determina alterações nas necessidades de;
- b) As decisões de compras devem ser tomadas de maneira ajustada com a existência de saldo disponível no caixa, avaliando-se os prazos concedidos para pagamento das compras com aqueles estabelecidos para recebimento das vendas;

c) Políticas de cobrança mais ágeis e eficientes, permitindo colocar recursos financeiros rapidamente à disposição da empresa;

d) A área de vendas em conjunto com a meta de crescimento, deve manter controle mais próximo sobre os prazos concedidos e hábitos de pagamento dos clientes, é recomendado que toda decisão envolvendo vendas, deve ser tomada após uma prévia avaliação das implicações sobre os resultados de caixa (exemplos: prazo de cobrança, despesas com publicidade e propaganda);

e) A área financeira deve avaliar criteriosamente o perfil de seu endividamento, de forma que os desembolsos necessários ocorram concomitantemente à geração de caixa da empresa.

Kassai ⁽³⁰⁾, cita que é preciso considerar algumas características básicas para o desenvolvimento de um Fluxo de Caixa funcional no atendimento das necessidades específicas de pequenas empresas e deve convergir com o perfil e os problemas de gestão. Como características básicas desse conjunto de informações, voltadas ao pequeno empresário, destacam-se:

a) Simplicidade: As informações devem ser intuitivas, dispensando conhecimento prévio dos princípios e convenções contábeis ou do método das partidas dobradas, que regem a contabilidade;

b) Facilidade de obtenção: As informações devem ser levantadas de forma fácil, sem necessidade de manutenção de registros históricos ou de sistemas de acumulação complexos;

c) Relevância: Apesar da contabilidade ser conhecida pela coincidência algébrica dos centavos, propõe-se, inicialmente, que o empreendedor preocupe-se apenas com as informações mais relevantes, desconsiderando os valores menores;

d) Atualidade: De forma incorreta a contabilidade é relacionada geralmente à mensuração de fatos e eventos passados, desta forma, propõe-se modelos de informação voltados para fatos e eventos presentes e futuros, através da utilização de modelos prospectivos e orçamentos;

e) Possibilidade de efetuar simulações: É importante que os modelos considerem a possibilidade de efetuar simulações com relação às variáveis principais, simular queda ou crescimento das vendas, aumento ou diminuição de custos/despesas, efeitos de financiamentos e empréstimos ou outras variáveis podem auxiliar as decisões do empreendedor;

f) Facilidade de manipulação das informações: A popularização da utilização de microcomputadores, tornou possível desenvolver modelos em softwares do tipo planilha eletrônica.

O Fluxo de Caixa é de fácil compreensão para todos os interessados e proporciona condições para a tomada de decisões mais acertada com relação aos recursos financeiros, torna a empresa mais competitiva e garante um ambiente adequado para a atração de investimentos, tanto no presente como para o futuro ⁽¹¹⁾.

4.1.1 Pesquisas sobre a relevância do Fluxo de Caixa

Caixeta ⁽¹³⁾, realizou um levantamento nas MPE's situadas em Luziânia-GO e chegou a conclusão que a utilização do fluxo de caixa como uma ferramenta gerencial é condição chave para uma administração financeira eficiente e para perpetuação da empresa no mercado, no entanto, poucas empresas da cidade adotam essa ferramenta.

No estudo de Toledo Filho, Oliveira e Spessatto ⁽²⁹⁾, foi realizada uma pesquisa com 135 microempresas da região central de Curitiba no Estado do Paraná, respondidas quase na totalidade por proprietários e gestores e os dados apresentaram que mesmo sendo um instrumento imprescindível para a administração e gestão da empresa, ainda existem muitos administradores financeiros que não utilizam o fluxo de caixa para controlar as finanças empresariais.

Neri ⁽²¹⁾ realizou uma pesquisa com seis empreendedores de pequenos comércios de produtos e serviços com perfil de MPE's e observou que todos os voluntários da pesquisa conheciam o Fluxo de Caixa, entretanto, a prática dessa ferramenta na gestão do planejamento e controle do empreendimento era pouco utilizada, mas, quando empregada, os benefícios eram visíveis.

Uma pesquisa aplicada entre 2007 e 2009 com 15 empresas do ramo de construção civil, identificou a presença e a influência positiva do fluxo de caixa operacional no gerenciamento financeiro e de resultados ⁽¹⁰⁾.

Através de uma pesquisa com 63 MPE's mortas do ramo de Tecnologia, Almeida ⁽⁹⁾ identificou que entre os principais fatores condicionantes para a mortalidades destas empresas está a falha gerencial, expressa na falta de capital de giro e indicada pelo descontrole do fluxo de caixa.

4.1.2 Apresentação do Modelo de Fluxo de Caixa para MPE's

O SEBRAE/SP ⁽²⁸⁾ disponibilizou um modelo de Fluxo de Caixa adaptado para MPE's que está disponível para download em sua página na internet. Esse modelo possui como objetivo registrar todos os recebimentos e pagamentos efetivados no dia a fim de alcançar o saldo final como recursos existentes.

A partir da utilização do demonstrativo do Fluxo de Caixa é possível cruzar e comparar os valores contábeis e tomar decisões a respeito da situação patrimonial do empreendimento através da interpretação de informações disponíveis no Fluxo de Caixa: "O gráfico do Fluxo de Caixa está para o administrador financeiro assim como o eletrocardiograma está para o cardiologista; Basta saber interpretá-lo" ⁽²⁴⁾.

CONCLUSÃO

É função do administrador financeiro tomar decisões sobre implantação de ferramentas que facilitem a administração empresarial. Neste sentido, ressalta-se a importância do fluxo de caixa como um recurso indispensável para manutenção da saúde financeira das MPE's.

A partir deste levantamento bibliográfico, observou-se que o Fluxo de Caixa traz benefícios evidentes para os seus usuários, pois, facilita a gestão financeira bem como o controle de entrada e saída de caixa e conseqüentemente influenciará na redução dos índices de mortalidade das MPE's.

Como fatores limitantes desta pesquisa pode-se ressaltar que, o estudo sistemático do fluxo de caixa é considerado recente, justificando a escassez de literatura sobre o tema proposto e a pouca utilização desta ferramenta no meio empresarial.

Em relação a contribuição deste estudo, pode-se ressaltar que, apesar do fluxo de caixa ser um instrumento indispensável para a gestão financeira, ele é quase sempre desconhecido pelas empresas e desprezado pelo meio acadêmico com poucas publicações sobre o tema, influenciando a pouca e má utilização desta ferramenta no meio empresarial.

Sugere-se ainda que mais estudos sejam realizados sobre o tema, corroborando com conhecimento específico e funcional as reais necessidades dos micro e pequenos negócios, a fim de minimizar o índice de mortalidade, colaborar com aumento do conhecimento científico dos administradores e influenciar o crescimento econômico e social dependentes da saúde financeira nas MPE's.

REFERÊNCIAS

1 - GAZZONI, Elizabeth Ines. Fluxo de Caixa – Ferramenta De Controle Financeiro Para A Pequena Empresa. Tese Mestrado da Universidade Federal de Santa Catarina, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/85831/198309.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 08 nov 2015.

2 - SEBRAE - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, Cenários para as MPE no Brasil até 2022, 2012. Disponível em: <[http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/65FF598AB7D911E683257A4600602ABF/\\$File/NT00048002.pdf](http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/65FF598AB7D911E683257A4600602ABF/$File/NT00048002.pdf)>. Acesso em: 16 jun. 2015.

3 - IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, As micro e pequenas empresas comerciais e de serviços no Brasil 2001. Disponível em <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv1898.pdf>>. Acesso 26 out. 2015

4 - IBPT - Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação. Causas de Desaparecimento das Micros e Pequenas Empresas. 2013 Disponível em: < <http://www.ibpt.com.br/img/uploads/novelty/estudo/701/CausasDeDesaparecimentoDasMicrosEPequenasEmpresas.pdf> > Acesso em: 28 set. 2015.

5 - MARION, José Carlos. Contabilidade Básica: 8.ed.São Paulo: Atlas. 2008

6 - CURADO, Ricardo. Como fazer um fluxo de caixa perfeito. Revista Exame.com. 2012. Disponível em: < <http://exame.abril.com.br/pme/noticias/como-fazer-um-fluxo-de-caixa-perfeito> > Acesso em: 08 nov. 2015.

7 _____-RJ - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, A importância da administração financeira da empresa, 2009 Disponível em: < <http://www2.rj.sebrae.com.br/boletim/a-importancia-da-administracao-financeira-da-empresa/> >. Acesso em: 26 out. 2015.

8 - CESARINO, L. O.; CAMPOMAR, M.C. Micro e pequenas empresas: características estruturais e gerenciais. Faculdade de Administração, Economia e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA/USP) e Faculdades Integradas FAFIBE 2004. Disponível em: < <http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/hispecielemaonline/sumario/10/19042010081633.pdf> >. Acesso em: 26 outubro 2015

9 - ALMEIDA, Euzaíra Miranda De Vasconcelos Martins De. Fatores condicionantes da sobrevivência das empresas do arranjo produtivo local de tecnologia da informação da região metropolitana de Salvador e Feira de Santana Bahia. Dissertação da Universidade Federal da Bahia - Escola de Administração - Núcleo de pós-graduação em Administração – NPGA, 2007. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8553/1/2222.pdf> >. Acesso em: 03 dez. de 2015.

10 - ALMEIDA, Dalci Mendes; BEZERRA, Francisco Antônio. Influência do fluxo de caixa operacional no gerenciamento de resultados em empresas da construção civil listadas na bm&fbovespa. BASE – Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos. v.9, n.3, p.:228-238, jul/set 2012. Disponível em: < <http://www.spell.org.br/documentos/ver/8559/influencia-do-fluxo-de-caixa-operacional-no-gerenciamento-de-resultados-em-empresas-da-construcao-civil-listadas-na-bm-fbovespa> >. Acesso em: 03 dez. 2015.

11 - ASSAF NETO, Alexandre, A dinâmica das decisões financeiras. Caderno de estudos, FIPECAFI, v.16 São Paulo: 1997.

12 - ASSAF NETO, Alexandre; SILVA, César Augusto Tibúrcio. Administração do Capital de Giro. 3.ed.São Paulo: Ed. Atlas, 2002.

13 - CAIXETA, Maiara Gomes. Fluxo de Caixa como ferramenta de Gestão aplicável às Micro e Pequenas Empresas de Luziânia-Go. Disponível em: < <http://www.unidesc.edu.br/download/?arquivo=1420> >. Acesso em: 12 jun. 2015.

14 - GITMAN, Lawrence J. Princípios da administração financeira: 10.ed. Pearson São Paulo. 2004.

15 - GROPELLI, A. A.; NIKBAKHT, Ehsan. Administração financeira. São Paulo: Saraiva, 1998.



16 - ROSS, S. A., WESTERFIELD, R. W., JAFFE, J. F. Administração Financeira: Corporate Finance. 2 ed. Atlas, São Paulo, 2002.

17 - KUHN, Ivo Ney. Gestão Financeira. Editora Unijuí. Ijuí, Rio Grande do Sul, Brasil 2012. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/1239/Gestao%20Financeira.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 28 setembro 2015.

18 - LEONI, N. M. C. P. G. As especificidades das pequenas e médias empresas. Revista de administração. São Paulo, v. 34, n.2, p.91-94, abril/junho 1999. Disponível em: <www.rausp.usp.br/download.asp?file=3402091.pdf>. Acesso em: 26 outubro 2015.

19 - MARQUES, Joaquina Helena Vaz Langort; PALMEIRA, Eduardo Mauch. Fluxo de Caixa: Ferramenta na Administração Financeira. Disponível em: <<http://www.eumed.net/ce/2011b/lmmp2.html>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

20 - MATARAZZO, Dante Carmine. Análise Financeira de Balanços – Abordagem Básica e Gerencial. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

21 - NERI, Nayá Viana. Análise sobre a importância do Planejamento de Fluxo de Caixa no controle financeiro de Micro e Pequenas Empresas. Monografia da Faculdade 7 de Setembro, Fortaleza, 2012. Disponível em: <www.fa7.edu.br:8081/ic2012/14-05-2012_152419870.doc>. Acesso em: 03 dez. 2015.

22 - PEREIRA, M. L. A Importância do Planejamento Financeiro nas Micro e Pequenas Empresas. Portal da Educação 2013. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/Artigo/Imprimir/47874>>. Acesso em: 26 out. 2015.

23 - RAMOS, A; SILVA, E; ALVERGA, P. O papel estratégico da TI nas Micro e Pequenas Empresas. Natal, RN, SEBRAE/RN, 2009.

24 - SÁ, Carlos Alexandre. Fluxo de Caixa: este desconhecido. 2014. Disponível em: <carlosalexandresa.com.br/artigos/O-Fluxo-de-Caixa-este-desconhecido.pdf>. Acesso em: 03 dez 2015.

25 - SANTI FILHO, Armando de. Análise do demonstrativo de Fluxo de Caixa, 2.ed. São Paulo: Santi, 2004.

26 - SANVICENTE. Antônio Zoratto; SANTOS, Celso da Costa. Orçamento na Administração de Empresas. São Paulo: Atlas, 2000.

27 - _____-RJ - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, A importância da administração financeira da empresa. 2009. Disponível em: <<http://www2.rj.sebrae.com.br/boletim/a-importancia-da-administracao-financeira-da-empresa/>>. Acesso em: 26 out. 2015.

28 - _____-SP - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Planilha de Fluxo de Caixa, 2012. Revista Exame.com. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/pme/planilhas/planilha-de-fluxo-de-caixa.xls>>. Acesso em 08 nov. 2015.



29 - TOLEDO FILHO, Jorge Ribeiro de; OLIVEIRA, Everaldo Leonel de; SPESATTO, Giseli. Fluxo de caixa como instrumento de controle gerencial para tomada de decisão: um estudo realizado em microempresas. Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ (online), Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 75 - p. 88, maio/ago., 2010. Disponível em: < <http://www.spell.org.br/documentos/download/46> >. Acesso em: 02 dez. 2015.

30 - KASSAI, Silvia. As empresas de pequeno porte e a contabilidade. Caderno de estudos, n. 15, p. 01-23, 1997.